

# NIEBLA EN TÁNGER DE CRISTINA LÓPEZ BARRIO E OS RESQUÍCIOS DE ESTEREÓTIPOS E ORIENTALISMO

## “MIST IN TANGIER” BY CRISTINA LÓPEZ BARRIO AND THE REMNANTS OF STEREOTYPES AND ORIENTALISM

Lucilea Ferreira Gandra<sup>1</sup>

**Resumo:** A presente resenha tem um duplo objetivo. O primeiro é demonstrar que, apesar das atuais facilidades de intercâmbio de pessoas e de conhecimentos entre as duas margens do Estreito de Gibraltar, mesmo que tenham atenuado os antigos estereótipos, o olhar expresso na narrativa de Cristina López Barrio em sua obra *Niebla en Tánger* (2017), ainda deixa transparecer alguns preconceitos e resquícios do orientalismo que marcaram as produções literárias espanholas, com temática marroquina, do século anterior. Um segundo propósito trata de abordar a necessidade de utopias, que faz de Tânger o sonho de comunhão inter-religiosa e interétnica, gerando assim uma profusão de obras ambientadas nessa cidade.

**Palavras-chave:** Literatura Espanhola; Tânger; Orientalismo; Mulheres Escritoras; Utopias.

**Abstract:** The present work has a dual objective. The first is to demonstrate that, despite the current ease of exchange of people and knowledge between the two shores of the Strait of Gibraltar, even though old stereotypes have been mitigated, the perspective expressed in Cristina López Barrio's narrative in her work "*Niebla en Tánger*" (2017) still reveals some prejudices and remnants of Orientalism that characterized Spanish literary productions with Moroccan themes in the previous century. A second purpose is to address the need for utopias, which turns Tangier into the dream of inter-religious and interethnic communion, therefore generating a profusion of works set in this city.

**Keywords:** Spanish literature; Tangier; Orientalism; Women writers; Utopias.

---

1. Doutoranda no programa de Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana – FFLCH – USP, sob a orientação da Profa. Dra. María Dolores Aybar Ramirez, desenvolvendo sua pesquisa sobre a representação da mulher em escritas contemporâneas da Espanha e do Marrocos, com bolsa CAPES. É Membro do Grupo GIPMEL “Ana de Miguel” (UNESP), na linha de pesquisa Literatura e Feminismo. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8087692569401906>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5682-4522>. E-mail: [lucyandra.make@gmail.com](mailto:lucyandra.make@gmail.com).

## INTRODUÇÃO

Tendo suas margens separadas por aproximadamente 15 km, estreitando, já na natureza, as águas do Atlântico e do Mediterrâneo, Espanha e Marrocos têm muito a compartilhar em suas histórias cultural, política, linguística e até mesmo afetiva. Tal proximidade poderia nos levar a considerações sobre uma identidade plural, quiçá hibridização, e, portanto, não deveríamos estranhar a numerosa produção literária espanhola com temática marroquina e literatura marroquina com assunto espanhol, e conseqüentemente, os inúmeros trabalhos voltados para o estudo dessas ligações cruzadas e fronteiriças.

Nesse sentido, destaca-se, particularmente, o exaustivo trabalho de Yasmina Romero Morales (2018), no qual a estudiosa volta-se para as personagens mulheres marroquinas, constantes nas narrativas de escritoras espanholas, publicadas durante o século XX, e que têm, como característica, a influência da mítica Sherazade. Valendo-se de sessenta e duas fontes literárias, entre romances e contos, Romero Morales (2018) verifica que a tal representação das mulheres marroquinas, envoltas em véus, repletas de sensualidade e exotismo, além de irreal, não encontra nenhuma analogia com as mulheres que os espanhóis, que visitaram ou mesmo viveram por períodos mais ou menos extensos no Marrocos, poderiam ter encontrado (2018: 225).

Certo é que, durante o século XX, muitos desses encontros foram pautados por questões políticas, situações de colonizador e colonizados, refugiados e hospedeiros, e evidentemente, a visão de ambas as partes pode ter sido influenciada por tais contingências. Agora, avançando em um novo século, ainda que marcado por questões passadas, mas tendo à disposição os mais modernos meios de intercâmbio, resta saber se as impressões ainda são as mesmas, ou até que ponto houve algum avanço na compreensão do verdadeiro outro que existe e vive do lado de lá. E ainda mais, até que ponto tal convivência proporcionou conhecimento suficiente para, se não uma assimilação, pelo menos o abandono de concepções preconceituosas e excludentes.

Com relação à cidade de Tânger, na recente obra *Conversaciones secretas sobre Tánger* de Abdelkhalak Najmi (2023), tangerino de nascença e que hoje reside em Granada, o autor reproduz entrevistas com trinta escritores espanhóis, tangerinos, e de outras nacionalidades, inclusive Cristina López Barrio, autora de *Niebla en Tánger*, romance sobre o qual iremos nos ocupar. Na obra de Najmi (2023), todos entrevistados têm em comum a ambientação de pelo menos uma obra em Tânger, e assim, algumas perguntas são repetidas a eles; por exemplo, se Tânger poderia ser considerada uma “cidade literária” e como poderia ser observado o fenômeno do grande número de publicações, na Espanha, ambientadas em Tânger.

## ■ resenha de livro

Em resposta a essas questões, o engenheiro e escritor Luis Molinos, nascido em Tânger, adverte que muitas dessas obras, que não são escritas por tangerinos, autores que nem mesmo viveram na cidade, tendem a representar uma cidade um tanto fictícia e folhetinesca. Obras que poderiam ser ambientadas em qualquer outro lugar (Molinos, *apud* Najmi, 2023: 92).

Outro entrevistado, o professor do Instituto Cervantes José Luis Barranco Pérez, é ainda mais enfático, afirmando que não considera Tânger uma cidade literária, embora ela tenha um encanto especial que outras cidades do Marrocos não têm, o que faz com que atraia artistas e criadores literários. Porém,

Si alguien cree que, sin talento literario, va a escribir una buena obra en Tánger solo por el hecho de residir una temporada en la ciudad, creo que se equivoca. Las obras las crean los talentos, independientemente de la ciudad, sea esta Tánger o Cuenca. Hay algunos aficionados a la escritura que creen que por pasar un par de fines de semana en Tánger van a escribir un bueno libro. Sin talento, por muchos fines de semana que esté en Tánger, uno va a seguir escribiendo libros malos (Barranco Pérez *apud* Najmi, 2023: 140)<sup>2</sup>

Consideramos que esse não é o caso de Cristina López Barrio (2017), cuja obra poderia ser abordada sob vários aspectos, além dos que nos propusemos aqui. Portanto, nosso objetivo resume-se em verificar o que ainda resta de ideias estereotipadas e orientalismo, a partir do romance *Niebla en Tánger*, pois acreditamos que a obra em questão, ainda que mereça outras considerações, possa representar o alvorecer de novas e profícuas abordagens à produção literária de mulheres espanholas e marroquinas, atenuando diferenças e dissolvendo, pouco a pouco, o nevoeiro que ainda persiste e que não deixa ver claramente o outro, como ele realmente é.

### **CRISTINA LÓPES BARRIO E *NIEBLA EN TÁNGER* (2017)**

Cristina López Barrio nasceu em Madri, Espanha, em 1970, formou-se em Direito e se especializou em propriedade intelectual. Sua primeira obra literária foi destinada ao público jovem: *El hombre que se mareaba con la rotación de la tierra* (2009), seguida por *La casa de los amores imposibles* (2010), publicação de grande sucesso, com traduções em diversos países, levando a autora a abandonar a carreira do Direito para dedicar-se exclusivamente à escrita. Posteriormente, publicou *El reloj del mundo* (2012), *El cielo en un infierno cabe* (2013), *Tierra de brumas* (2015), e, finalmente, *Niebla en Tánger* (2017), que consagrou a autora como finalista do prêmio “Planeta” daquele ano.

---

2. Se alguém acredita que, sem talento literário, vai escrever uma boa obra em Tânger só porque mora na cidade há algum tempo, acho que se engana. As obras são criadas por talentos, independentemente da cidade, seja Tânger ou Cuenca. Há alguns fãs da escrita que acreditam que, passando alguns fins de semana em Tânger, escreverão um bom livro. Sem talento, não importa quantos fins de semana você passe em Tânger, você continuará escrevendo livros ruins (Barranco Pérez *apud* Najmi, 2023: 140 – tradução nossa).

## ■ resenha de livro

*Niebla en Tánger* pode ser considerado um meta-romance circular ou seja, uma ficção dentro de outra ficção, plano e inspiração esclarecidos pela autora, como tendo sido o conto de Júlio Cortázar, *Continuidad en los parques* (1964). Além dessa, outras obras com tragédias e viagens dos heróis clássicos, incluindo Dom Quixote e Ulisses, e, ainda, o sentido dado por Oscar Wilde em *O declínio das Mentiras*, isto é, a criação literária como geradora de sua própria vida, completando com a ambientação em uma Tánger sonhada/imaginada, perfazem as influências expostas na obra de López Barrio (2017).

Estruturalmente, o romance é composto por duas histórias, narradas pelas protagonistas Flora Gascón e Marina Ivannova, tendo como único elo entre elas, o misterioso personagem Paul Dingle. Iniciando a narrativa com um simples encontro amoroso, chega-se ao meta-romance quando a personagem Flora Gascón encontra o livro que o amante estava lendo, intitulado “*Niebla en Tánger*”, de autoria de Bella Nur, e a partir daí as duas ficções são sobrepostas e intercaladas, ambas com o mesmo título, porém apresentadas com fontes e numeração de capítulos diferentes, assim como os subtítulos, num engenhoso e interessante jogo metaliterário.

Como nosso propósito aqui não é realizar uma exaustiva análise do romance de López Barrio (2017), e sim tecer considerações a respeito dos resquícios de estereótipos e orientalismo que ainda persistem, por ora, podemos deixar outras reflexões a respeito dessa obra e partir para um levantamento das questões objetos do nosso estudo.

### **AS PERSONAGENS DE NIEBLA EN TÁNGER E DE “NIEBLA EN TÁNGER”**

Para equacionarmos a caracterização realizada pela autora de suas personagens, e assim verificarmos os estereótipos, podemos inseri-las em dois blocos, a princípio divididos pelas duas narrativas, sendo um deles o grupo de Flora Gascón, narradora de uma das histórias, seu marido e sua mãe, não nomeados, todos espanhóis e possivelmente madrilenos. Insere-se nesse mesmo grupo Deidé Spinelli, psicanalista argentina, que funciona como um alter ego de Flora. Temos ainda Armand, homem maduro, de ascendência judaica Sefardi, que, tendo deixado Tánger ainda criança, construiu sua vida na Espanha.

Em um segundo grupo, temos Marina Ivannova, narradora da outra história, filha de um russo católico-ortodoxo, mãe tangerina e judia Sefardi, e os Rifinhos muçulmanos Ankara, Amina, Samir e Laila.

Temos ainda duas personagens importantes, Paul Dingle, francês, elo entre as duas histórias, e Bella Nur, suposta escritora da obra “*Niebla en Tánger*”, narrada por Marina Ivannova, inserida na obra *Niebla en Tánger*, narrada por Flora Gascón.

Inicialmente, iremos nos ater à caracterização das personagens do segundo grupo, as quais fazem parte da obra “*Niebla en Tánger*” de autoria da escritora/personagem Bella Nur, e que se passa em um tempo anterior à outra narrativa. Enquanto a narração de Flora

## ■ resenha de livro

Gascón é iniciada determinando o local e data “Madrid, 12 de diciembre de 2015”, a de Marina Ivannova é estabelecida, inicialmente, em “24 de diciembre de 1967” (López Barrio, 2017: 11; 37).

Partimos então com Marina Ivannova, fruto de um casamento inter-religioso, mas não entre diferentes extratos sociais. Pai russo, católico ortodoxo, da alta burguesia de Moscou, sendo mesmo aparentado com a nobreza, viera à Tânger para se afastar dos distúrbios que estavam ocorrendo em sua pátria, e também para expandir seus negócios de comerciante de seda e obras de arte. É assinalada a data de sua chegada ao Marrocos, 1905, e sua intenção de ficar apenas por uns tempos (López Barrio, 2017: 38).

Marina relata que seus pais tiveram um casamento proscrito devido às diferenças de crença e que não foi aceito por nenhuma das duas famílias, ainda que sua mãe tivesse se convertido ao catolicismo para se casar. Diz ainda que os pais conversavam entre eles em francês, mas que a mãe rezava em espanhol e que, embora tivessem combinado educá-la na fé católica, sua mãe a instruíra no judaísmo, às escondidas (López Barrio, 2017: 39).

Além disso, conta que tinha uma babá do Rif, Ankara, que a fazia dormir recitando as suras do Alcorão e, diante da morte prematura da mãe, Marina diz

De esta manera pude preguntarles a todos los dioses que conocía cómo era posible que unas semanas atrás hubiera caminado cálida y segura de la mano de mi madre por la Medina; de esa mano, ahora helada y rígida, que se precipitaba con el calor de mayo, hacia la descomposición (López Barrio, 2017: 39).<sup>3</sup>

Tempos depois da morte da mãe, o pai, apesar das diferenças religiosas, já prevendo que iria morrer em breve, aproxima a menina dos avós maternos que teriam de cuidar dela em um futuro próximo. Diante dessa nova situação, ela menciona que

Creo que mi padre ya intuía su muerte cuando accedió a llevarme a visitar a mis abuelos maternos [...] Le daba instrucciones a Ankara para que me arreglase con vestidos de organdí y me colocara una cruz ortodoxa de oro, que lucía sobre mi pecho, tan grande que parecía que me iban a someter a un exorcismo (López Barrio, 2017: 45).<sup>4</sup>

Mais adiante, falando sobre os avós, “*Se trataba de una de las familias judías sefardíes más antiguas de Tánger. Eran joyeros, y tenían varias tiendas y talleres en unas callejuelas próximas al Zoco Chico*”<sup>5</sup> (López Barrio, 2017: 45).

---

3. Pude assim perguntar a todos os deuses que conhecia como era possível que há algumas semanas eu estivesse caminhado quente e segura segurando a mão de minha mãe pela Medina; daquela mão, agora congelada e rígida, que corria com o calor de maio para a decomposição (López Barrio, 2017: 39 – tradução nossa).

4. Acho que meu pai já pressentiu sua morte quando concordou em me levar para visitar meus avós maternos [...] Ele deu instruções a Ancara para me vestir com vestidos de organdi e colocar em meu peito uma cruz ortodoxa de ouro, que eu usava no peito, tão grande que parecia que iam me submeter a um exorcismo (López Barrio, 2017: 45 – tradução nossa).

5. Tratava-se de uma das famílias judias sefarditas mais antigas de Tânger. Eram joalheiros e tinham várias lojas e oficinas em algumas ruelas perto do Zoco Chico (López Barrio, 2017: 45 – tradução nossa).

## ■ resenha de livro

Pelos excertos apresentados, fica claro que, embora as famílias paterna e materna de Marina tivessem suas diferenças religiosas e a ferrenha oposição a qualquer união entre elas, os dois lados, cristão e judeu, tinham destacado status social, diferentemente do restante da população árabe, como veremos a seguir, e dessa forma, também a descrição física de Marina salienta como ela parecia estranha às mulheres locais: *“Les fascinaba peinar el cabello rubio que había heredado de mi padre, junto con los ojos azules y la piel de nieve de las mujeres de su familia”*<sup>6</sup> (López Barrio, 2017: 44).

Ankara, como dito anteriormente, era babá da menina Marina e é descrita por ela como *“[...] una mujer oronda y hermosa, de ojos maquillados por la naturaleza y cabellos castaños”*<sup>7</sup> e, ainda, *“Salía a la calle con el traje recio de niñera de niña rica que le había impuesto mi padre [...] pero en la cabeza llevaba su corazón, un sombrero de paja con borlones de colores como las mujeres del Rif”*<sup>8</sup> (López Barrio, 2017: 44).

Marina comenta também sobre o lugar onde a família da babá vivia, que, diferentemente dos bairros que conhecia, era a parte mais pobre, onde as casas tinham o chão arenoso. Acrescenta, inclusive, que era tratada pelas primas de Ankara como se fosse uma delas, e assim, *“me hacían dibujos para ahuyentar el mal de ojo”*<sup>9</sup> (López Barrio, 2017: 44).

Em outra passagem, Marina, depois de muita insistência, é levada por Ankara a um *hamman*, onde conhece Amina.

Fue la primera vez que vi a Amina, la hechicera bereber. Su cabello era muy negro y largo, le llegaba hasta más allá de la cintura. La piel tostada, un cuerpo elástico. Unos ojos vivos, negros también, que desnudaban el alma. Me escondí detrás de Ankara, huyendo de ellos (López Barrio, 2017: 77).<sup>10</sup>

Diante da apreensão de Marina, Ankara dá explicações sobre a prima:

— No la temas. Acaba de venir a la ciudad de una aldea del desierto. Su abuela era hechicera, luego lo fue su madre y ahora, que se ha quedado huérfana, lo es ella. Atesora gran sabiduría a pesar de su juventud. Sus poderes se transmiten en la sangre y se activan con la muerte de la predecesora (López Barrio, 2017: 77).<sup>11</sup>

---

6. Elas ficavam fascinadas em pentear o cabelo loiro que herdei do meu pai, junto com os olhos azuis e a pele branca como a neve das mulheres de sua família (López Barrio, 2017: 44 – tradução nossa).

7. [...] uma mulher rechonchuda e bonita, com olhos pintados pela natureza e cabelos castanhos (López Barrio, 2017: 44 – tradução nossa).

8. Ela saía para a rua com aquela roupa de babá de menina rica que meu pai lhe impôs [...] mas na cabeça ela usava o coração, um chapéu de palha com borlas coloridas como as mulheres do Rif (López Barrio, 2017: 44 – tradução nossa).

9. Elas me faziam desenhos para afastar o mau-olhado (López Barrio, 2017: 44 – tradução nossa).

10. Foi a primeira vez que vi Amina, a feiticeira berbere. Seu cabelo era muito preto e longo, chegando até a cintura. Pele bronzeada, corpo elástico. Olhos vivos, também negros, que desnudavam a alma. Eu me escondi atrás de Ankara, fugindo deles (López Barrio, 2017: 77 – tradução nossa).

11.— Não tenha medo dela. Ela acabou de chegar à cidade vindo de uma vila deserta. A avó dela era feiticeira, depois a mãe dela era, e agora que ela está órfã, ela é. Ela valoriza grande sabedoria, apesar de sua juventude.

## ■ resenha de livro

Nessa ocasião, Amina ainda faz uma profecia: “*Serás una mujer valiente y cuidarás bien de ella*”<sup>12</sup>, sem dar maiores explicações (López Barrio, 2017: 78).

Samir, outro personagem desse grupo, surge pela primeira vez em uma das andanças que a menina Marina fazia com sua babá pelas ruas tortuosas da Medina:

Uno de esos días, vi por primera vez al niño tuerto. Un párpado reposaba sobre la cuenca vacía. Calculé que tendría mi misma edad. Cojeaba de una pierna e iba descalzo, unos bombachos miserables y una camisa rota cubrían un cuerpo enclenque. La fealdad asusta y atrae. A partir de entonces, siempre que íbamos al zoco le buscaba entre el gentío, le observaba, tratando de no acercarme demasiado. Él vociferaba en francés “¡Huevos, huevos milagrosos!” (López Barrio, 2017: 68).<sup>13</sup>

Tal personagem terá uma atuação proeminente na história narrada por Marina, descrito tanto física “*Tenía el cabello negro, con abundantes y espesas ondas, que contrastaba con su ojo verde*”<sup>14</sup>, como psicológica, além das demonstrações claras de sua origem e situação de inferioridade, “— *Me llamo Samir. Soy pobre, rifeño y musulmán, voy a cambiar lo primero; lo segundo y lo tercero ya no puedo*”<sup>15</sup> (López Barrio, 2017: 72).

Aficionada pelo ator Rodolfo Valentino, Marina tinha assistido há pouco um filme no qual esse ator interpreta o papel de filho de um Xequê árabe, que rapta uma mulher branca e a leva para sua tenda no deserto, e, no final, ela também acaba se enamorando dele. Na sua imaginação,

Durante el resto de la semana, mientras bordaba en la torre de costura con mamá Ada, me venían a la cabeza escenas de la película, donde el rostro de Rodolfo había sido suplantado por el de Samir. Le imaginaba ataviado con el turbante, cabalgando por las dunas del desierto con su nueva imagen de hombre dispuesto a encontrarme a toda costa y a llevarme contra mi voluntad (López Barrio, 2017: 104).<sup>16</sup>

---

Seus poderes são transmitidos no sangue e são ativados com a morte do antecessor (López Barrio, 2017: 77 – tradução nossa).

12. Serás uma mulher valente e cuidarás bem dela (López Barrio, 2017: 78 – tradução nossa).

13. Um dia desses, vi pela primeira vez o menino caolho. Uma pálpebra repousava sobre a cavidade vazia. Estimei que ele tinha a mesma idade que eu. Ele mancava em uma perna e estava descalço, calções miseráveis e uma camisa rasgada cobriam um corpo fraco. A feiura assusta e atrai. A partir daí, toda vez que íamos ao mercado eu o procurava no meio da multidão, observava-o, tentando não chegar muito perto. Ele gritava em francês “Ovos, ovos milagrosos!” (López Barrio, 2017: 68 – tradução nossa).

14. Ele tinha cabelos pretos, com ondas abundantes e grossas, que contrastavam com seus olhos verdes (López Barrio, 2017: 72 – tradução nossa).

15. — Me chamo Samir. Sou pobre, Rifenho e muçulmano, vou mudar o primeiro; o segundo e o terceiro já não posso (López Barrio, 2017: 72 – tradução nossa).

16. Durante o resto da semana, enquanto bordava na torre de costura com mamãe Ada, me vieram à mente cenas do filme, onde o rosto de Rodolfo havia sido personificado pelo de Samir. Imaginei-o vestido de turbante, cavalgando pelas dunas do deserto com sua nova imagem de homem pronto a me encontrar a qualquer custo e me levar contra minha vontade (López Barrio, 2017: 104 – tradução nossa).

## ■ resenha de livro

Marina recorda então, que Ankara havia percebido seus devaneios e diante disso havia dito *“Niña mia, ya no tienes edad de jugar con chicos pobres. Los mundos tan diferentes que se acercan en la infancia están destinados a separar-se cuando crecen”*<sup>17</sup> (López Barrio, 2017: 105).

Apesar dos conselhos de Ankara, tais inquietações continuaram existindo. Assim, lembrando-se do dia do seu casamento quando, após a cerimônia na sinagoga, durante a festa, enquanto muitos dançavam, *“se me cruzaba el rostro de Samir por la memoria, y la idea de que venía a raptarme el día de mi boda me dejaba en la boca un sabor a especias”*<sup>18</sup> (López Barrio, 2017: 116).

Samir é também o único personagem que adquire uma voz nacionalista. Ao contrário de Laila, que veremos a seguir, que faz questão de manter sua identidade muçulmana, apenas. Ele, no entanto, a partir do momento que adquire melhores condições e conhecimentos, passa a defender a independência de Marrocos. No seu entender, *“Marruecos debe ser un solo país, libre de todo dominio extranjero. Somos como niños en manos de franceses y españoles”*<sup>19</sup> e, diante da argumentação de Marina que *“Tánger es lo que es por sus leyes especiales, sin ellas se convertiría en un espejismo”*<sup>20</sup>, Samir a chama de idealista e ingênuo (López Barrio, 2017: 179).

A quarta personagem desse grupo é Laila, filha de Amina, a qual Ankara pede à Marina que cuide dela, pois a mãe havia morrido de tuberculose e o pai *“Era um mal hombre. Le dio una vida perra a Amina. Le pegaba y la hacía trabajar en un puesto del mercado hasta caer rendida, mientras él se lo bebía todo. Un día no aguantó más, se defendió y le mandó al cementerio”*<sup>21</sup>, cumprindo-se, assim, a profecia, *“cuidarás bien de ella”*<sup>22</sup>. Marina observa que Laila *“Tenía los mismos ojos que su madre, parecía que estaban vivos. Y el mismo cabello negro”*<sup>23</sup> (López Barrio, 2017: 142).

Marina relata as dificuldades encontradas nos primeiros tempos de convivência com a menina, então com doze anos, sua recusa e difícil adaptação:

---

17. Minha menina, você não tem mais idade para brincar com meninos pobres. Os mundos tão diferentes que se juntam na infância estão destinados a separar-se quando crescem (López Barrio, 2017: 105 – tradução nossa).

18. O rosto de Samir passou pela minha memória, e a ideia de que ele viria me sequestrar no dia do meu casamento deixou um gosto picante na minha boca (López Barrio, 2017: 116 – tradução nossa).

19. Marrocos deve ser um país único, livre de qualquer dominação estrangeira. Somos como crianças nas mãos de franceses e espanhóis (López Barrio, 2017: 179 – tradução nossa).

20. Tânger é o que é pelas suas leis especiais, sem elas seria uma ilusão (López Barrio, 179 :2017 – tradução nossa).

21. Ele era um homem mau. Ele deu a Amina uma vida de puta. Ele bateu nela e a fez trabalhar em uma banca de mercado até ela cair exausta, enquanto ele bebia tudo. Um dia ela não aguentou mais, se defendeu e mandou-o para o cemitério (López Barrio, 2017: 142 – tradução nossa).

22. Cuidarás bem dela (López Barrio, 2017: 78 – tradução nossa).

23. Ela tinha os mesmos olhos da mãe, pareciam estar vivos. E o mesmo cabelo preto (López Barrio, 2017: 142 – tradução nossa).



— Yo siempre seré musulmana, entérate bien, así que no intentes convertirme a tu religión. No me pude vengar en esta vida de mi padre, lo haré cuando lo encuentre en la otra, aunque tenga que ir al infierno a buscarle. Tú tampoco estarás lejos, arderás donde el resto de los infieles (López Barrio, 2017: 146).<sup>24</sup>

Marina diz ter ficado aterrada com suas palavras, não só pelo ódio e rancor pelo pai e a ter chamado de infiel, mas também pela frieza demonstrada ao relatar que o pai sempre batia na mãe quando voltava bêbado para casa, mas que até aquele dia, não havia tocado nela e quando tentou, sua mãe pegou uma faca e enfiou na barriga dele, contando tudo isso com naturalidade, tomando chocolate e saboreando um croissant (López Barrio, 2017: 146).

Podemos dizer que, com exceção de Marina, sobre a qual outras considerações serão feitas adiante, todas as personagens seguem o padrão estabelecido para a população marroquina, a maioria originária do Rif, incluindo os serviçais, que aparecem em questões pontuais. Fisicamente são morenos, cabelos negros, incultos, quando não analfabetos, pobres, quase miseráveis, as mulheres com prole extensa, como é dito a respeito das primas de Ankara. Os homens são violentos, como o citado marido de Amina e o tio de Samir, que também recebe atenção pela extremada brutalidade, mas as assassinas são mulheres e feiticeiras.

Assim, excluindo Samir, como vimos, que afirma e defende sua identidade marroquina, lutando pela independência do seu povo, as demais personagens Rifenhas, apesar de manterem a conversação entre elas em tarifit, a língua do Rif, não demonstram atitudes claras e assertivas de resistência, a não ser a breve passagem na qual Marina comenta sobre a insistência de sua babá Ankara em usar alguns adereços peculiares de seu povo, junto com o uniforme que era obrigada a vestir. Ainda assim, tal atitude da babá, adquire um certo tom anedótico, transformando sua imagem em uma estética duvidosa e grotesca.

Além dessas características, observa-se em várias oportunidades a referência ao misticismo, supostamente inerente aos povos locais, "*huevos de astrogodón*", feiticeiras que mantém os cabelos escuros mesmo depois da idade avançada, profecias, pinturas em hena para afastar o mau-olhado, e a referência a Aisha Kandisha, mulher demônio da mitologia Sefardi, que afasta os homens das mulheres que solicitam.

Embora com a clara intenção de apresentar uma personagem sem preconceitos étnicos ou de posição social, além do seu ecumenismo, Marina, apesar dos seus cabelos loiros e dos seus olhos azuis, nas suas tentativas de tornar-se atriz, atende às expectativas do mercado hollywoodiano, e, de volta à Tânger depois do divórcio, aproveita as fotos publicitárias dos filmes que participou para alavancar o sucesso do seu hotel, usando na

---

24. Sempre serei muçulmana, saiba disso, então não tente me converter à sua religião. Não poderia me vingar do meu pai nesta vida, farei isso quando o encontrar na próxima, mesmo que tenha que ir ao inferno para procurá-lo. Você também não estará longe, você queimará onde estão o resto dos infiéis (López Barrio, 2017: 146 – tradução nossa).

## ■ resenha de livro

decoração do salão principal “[...] carteles que decoraban el local, aquel donde aparecía con mi turbante y mis ropas de Sherazade como la mujer de Oriente y Occidente. Un souvenir americano que me daba un aspecto de femme fatale”<sup>25</sup> (López Barrio, 2017: 152).

Além disso, mesmo tendo uma vida não convencional, mais de acordo com uma Tânger cosmopolita, inclusive expondo publicamente seu relacionamento amoroso com Samir, suas escolhas para se casar são outras: um judeu americano, de quem se divorcia, e o francês Paul Dingle.

Vale ressaltar ainda, uma passagem na qual Marina relata um acontecimento, evidenciando que mesmo em uma cidade considerada receptiva às diferenças, as divisões de classe e posições políticas permaneciam.

Me dirigía al café Fuentes [...] Enfrente del Fuentes se hallaba el café Central, adonde solían acudir los nacionales y los fascistas italianos durante la guerra. Una vez la tripulación de un barco con bandera italiana se equivocó de café y se armó una buena pelea. En Tânger todos tenían cabida, pero cada uno en su lugar (López Barrio, 2017: 183 – grifos nossos).<sup>26</sup>

Todas essas passagens que estão inseridas na narrativa de Marina Ivannova, pertencem a um tempo anterior, e constam da obra “*Niebla en Tánger*” da escritora Bella Nur, que também é uma personagem da narrativa de Flora Gascón, e que se inicia com o desaparecimento do amante, o que leva a protagonista a viajar para Tânger a procura da escritora, pois acredita que ela possa dar maiores informações sobre o tal Paul Dingle, personagem de sua história, com o mesmo nome de um homem de carne e osso com quem Flora teve um breve relacionamento.

Na narrativa de Flora, são feitas várias considerações sobre o marido, sobre a mãe, assim como são intercaladas suas conversas com a psicanalista argentina, feitas por *skype*. Tais questões, no entanto, podem ser deixadas de lado, já que o que nos interessa no momento é verificar as impressões da espanhola Flora a respeito do lugar e das pessoas que fará contato na cidade. Flora chega à Tânger e

Atardece sobre la Medina. Suena el canto rojo del muecin y Flora recuerda la fascinación que le produjo escucharlo por primera vez. Se sintió transportada al mundo de *Las mil y una noches* (López Barrio, 2017: 81).<sup>27</sup>

---

25. [...] cartazes que decoravam o local, aqueles onde eu aparecia com meu turbante e minha roupa de Sherazade como a mulher do Oriente e do Ocidente. Uma lembrança americana que me fazia parecer uma *femme fatale* (López Barrio, 2017: 152 – tradução nossa)

26. Eu estava indo para o café Fuentes [...] Em frente ao Fuentes ficava o café Central, onde iam os nacionalistas e fascistas italianos durante a guerra. Certa vez, a tripulação de um navio com bandeira italiana se equivocou de café e uma grande briga começou. Em Tânger todos tinham lugar, mas cada um no seu (López Barrio, 2017: 183 – tradução e grifos nossos).

27. Entardece sobre a Medina. Soa a canção vermelha do muezim e Flora se lembra do fascínio que sentiu ao ouvi-la pela primeira vez. Sentiu-se transportada para o mundo de *As Mil e Uma Noites* (López Barrio, 2017: 81 – tradução nossa).

## ■ resenha de livro

Em sua narrativa, durante os dias em que Flora permanece em Tânger, as personagens se resumem, por um lado, a Armand e sua tia-avó Rachel Cohen, judeus Sefardis, ele vivendo há muito tempo na Espanha, enquanto a tia-avó é a última da família que permaneceu no Marrocos, mesmo depois da diáspora; e de outro lado, o inspetor Rachid Abdelán e Bella Nur, berberes.

O primeiro contato com Armand se dá logo na chegada de Flora a Tânger, quando, perdida, tentando encontrar o hotel em que ficará hospedada, *“Al doblar un recodo, ve a un hombre, con aspecto de occidental, que también arrastra una maleta”*<sup>28</sup> e solicita sua ajuda (López Barrio, 2017: 58 – grifos nossos).

A partir desse primeiro encontro, Armand será um personagem frequente na narrativa, já que, tendo passado sua infância na cidade, ainda que esteja há muitos anos sem retornar a ela, servirá de guia pelos locais mais significativos, além de apresentá-la a alguns conhecidos que residem na cidade e que poderiam ajudá-la nas suas investigações. Entre esses, é citado o gerente da livraria *“Des Colones”* que é *“hijo de un viejo compañero del colegio que emigró a Marsella”*<sup>29</sup> como ele, no entanto, não é nomeado e a única descrição que é feita sobre o gerente é que se trata de um homem de trinta e poucos anos e que fala espanhol (López Barrio, 2017: 86; 91).

A outra apresentação feita por Armand é da sua tia-avó, Rachel Cohen, *“una anciana extraordinaria desde el primer momento, fuma unos cigarrillos finísimos en una boquilla alargada de plata y marfil. Las manos son nudos de huesos con un par de sortija de brillantes, zafiros y esmeraldas”*<sup>30</sup> (López Barrio, 2017: 211).

O inspetor Rachid Abdelán, que se identifica como sendo da etnia berbere, é descrito apenas como sendo um homem de uns trinta e poucos anos *“pelo negro abundante, ojos marrones, rasgados”*<sup>31</sup> e ainda sobre seus olhos, *“son hermosos, dotados del maquillaje de la naturaleza”*<sup>32</sup>, o que Flora associa à descrição feita por Marina, protagonista da outra narrativa, a respeito de Amina (López Barrio, 2017: 130; 236).

Uma descrição mais detalhada é dada apenas sobre a suposta escritora Bella Nur, mote de toda a intriga que une as duas narrativas. Inicialmente, Flora fica sabendo, através do gerente da livraria já citada, que a tal escritora é bastante conhecida na cidade, que tem

---

28. Ao virar uma esquina, ela vê um homem, com aparência de ocidental, também arrastando uma mala (López Barrio, 2017: 58 – tradução e grifos nossos).

29. Filho de um velho companheiro de colégio que emigrou para Marsella (López Barrio, 2017: 86 – tradução nossa).

30. Uma anciã extraordinária desde o primeiro momento. Ela fuma alguns cigarros muito finos em uma piteira alongada de prata e marfim. As mãos são nós de ossos com um par de anéis de brilhantes, safiras e esmeraldas (López Barrio, 2017: 211 – tradução nossa).

31. Cabelo preto abundante, olhos castanhos e puxados (López Barrio, 2017: 130 – tradução nossa).

32. São bonitos, maquiados pela natureza (López Barrio, 2017: 236 – tradução nossa).

## ■ resenha de livro

outros livros publicados, mas ainda que seja uma autora muito respeitada no país, seu livro *“Niebla en Tánger”* não será publicado no Marrocos. Ele também conta que a escritora já fora muito ativa, principalmente em defesa do povo berbere, e que a última campanha da qual participou, foi na defesa de seu povo ser autorizado a colocar nos filhos nomes berberes, até então proibidos no Marrocos. Também acrescenta que, atualmente, ela está muito doente, não participa mais de atividades culturais e além disso, não concede entrevistas (López Barrio, 2017: 91).

No entanto, munida de algumas indicações, Flora acaba se aproximando da escritora e a reconhece quando *“Junto a uno de los balcones [...] descubre a una anciana [...] los collares la delatan, asedian su cuello frágil y caen sobre una túnica bordada con flores y pájaros exóticos”*<sup>33</sup>. Acrescenta, ainda, que *“[...] tiene un pequeño tatuaje en el entrecejo [...] El cabello oculto en un turbante negro, sofisticado; prendido en él, un broche de plata”*<sup>34</sup>, e aproximando-se ainda mais, percebe que *“Detrás de sus ojos oscuros se intuye otra vida que no es la que transcurre en esa biblioteca. Le brillan con un resplendor improprio de su edad, sin rastro del halo turbio que acompaña a la vejez”*<sup>35</sup> (López Barrio, 2017: 94-95).

No transcorrer da narrativa de Flora, aparecem outros comentários a respeito dessas personagens, mas o que queremos ressaltar é que somente elas são descritas com mais pormenores, e quanto a outras, pequenas interferências apenas pontuais de alguns nativos, sempre em funções subalternas como, por exemplo, o vendedor de uma tenda de artesanato local, *“un hombre de unos cuarenta años, con un bigote negro. Viste chilaba y babuchas de cuero”*<sup>36</sup>; um garçom nomeado como Mohamed, a empregada de Bella Nur, *“una mujer con caftán de algodón”*<sup>37</sup> e a de Rachel Cohen, Fátima, *“una mujer árabe ataviada con uniforme blanco y negro de doncella”*<sup>38</sup> (López Barrio, 2017: 60; 215).

A esse respeito, um dos entrevistados de Najmi (2023), na obra anteriormente citada, o escritor granadino Javier Valenzuela, respondendo sobre a possível razão de seu livro ter alcançado bastante sucesso, justifica com as precauções tomadas em sua escritura:

---

33. Junto a uma das varandas [...] descobre uma senhora [...] os colares delatam-na, sítiam-lhe o pescoço frágil e caem sobre uma túnica bordada com flores e pássaros exóticos (López Barrio, 2017: 94 – tradução nossa).

34. [...] tem uma pequena tatuagem entre as sobrancelhas [...] Os cabelos escondidos em um sofisticado turbante preto; preso a ele, um broche de prata (López Barrio, 2017: 94 – tradução nossa).

35. Por trás de seus olhos escuros sente-se outra vida que não é aquela que acontece naquela biblioteca. Brillham com um esplendor impróprio para a idade, sem deixar vestígios da auréola turva que acompanha a velhice (López Barrio, 2017: 94-95 – tradução nossa).

36. [...] um homem de uns quarenta anos, com bigode preto, veste túnica e chinelos de couro (López Barrio, 2017: 60 – tradução nossa).

37. Uma mulher com caftã de algodão (López Barrio, 2017: 215 – tradução nossa).

38. Uma mulher árabe vestida com uniforme preto e branco de empregada (López Barrio, 2017: 215 – tradução nossa).

Me puse dos objetivos: el primero, no tratar a Tánger como una pieza arqueológica de museo, sino como una ciudad viva; el segundo, no caer en ese ejercicio colonialista que supone protagonizar una historia tangerina tan solo con personajes occidentales. Detesto esas obras ambientadas en Marruecos o algún otro país árabe en las que los locales tan solo son taxistas, camareros o criadas (Valenzuela, *apud* Najmi, 2023: 56).<sup>39</sup>

Tais preocupações, podemos verificar, não foram observadas na obra de López Barrio (2017), pois fica nítida a separação, principalmente em extratos sociais: judeus ricos de um lado, árabes muçulmanos pobres de outro; especialmente na narração da personagem Marina Ivannova, e tanto em uma como na outra narração, os nativos estão sempre em posições subalternas. Vale ressaltar ainda, uma passagem da narrativa de Flora Gascón, quando, em uma ligação telefônica com a mãe, ao dizer que estava no Marrocos, a mãe observa “— *Bendito sea Dios, ¡al fin! Creí que te habían raptado o trata de blancas, en esos países... ¿No había un congreso en otro lugar?*”<sup>40</sup> evidenciando, assim, a imagem pré-concebida que ainda prevalece (López Barrio, 2017: 121).

## POR QUE MARROCOS? POR QUE TÂNGER?

Na introdução da obra “*Conversaciones secretas sobre Tánger*”, já diversas vezes citada, Najmi (2023) realça o fato de que a cidade de Tânger “[...] *es un espacio de sentimientos, cargado de símbolos, que condiciona los acontecimientos y se valora según las versiones de cada autor, artista y cineasta*”<sup>41</sup> e, dessa forma, “[...] *la literatura española actual ha fecho de Tánger no solo un escenario sino un personaje principal de sus obras tanto de prosa como de poesía*”<sup>42</sup> (Najmi, 2023: 16-17).

Na argumentação de Najmi (2023), isso se justifica pelo fato de que, em determinado período, ou seja, durante o estatuto internacional da cidade, enquanto a Europa como um todo e, particularmente, a Espanha, estavam imersas nos tempos sombrios da guerra, a cidade de Tânger tornou-se a meca, principalmente para os jornalistas espanhóis, já que a cidade era como um farol da liberdade de expressão, além de ter sido também um refúgio para muitos e, principalmente, para artistas e cineastas que optaram por rodar seus filmes na cidade, a qual, naquele momento conturbado, os acolhia (Najmi, 2023: 16).

---

39. Estabeleci dois objetivos: o primeiro, não tratar Tânger como uma peça de museu arqueológico, mas como uma cidade viva. A segunda é não cair naquele exercício colonialista que consiste em protagonizar uma história de Tânger apenas com personagens ocidentais. Odeio aquelas obras que se passam no Marrocos ou em algum outro país árabe onde os moradores locais são apenas taxistas, garçons ou empregadas domésticas (Valenzuela, *apud* Najmi, 2023: 56 – tradução nossa).

40. Bendito seja Deus, finalmente! Pensei que tivessem te sequestrado ou te envolvido em tráfico de pessoas, nesses países... Não havia um congresso em outro lugar? (López Barrio, 2017: 121 – tradução nossa).

41. A cidade é um espaço de sentimentos, carregado de símbolos, que condiciona os acontecimentos e é valorizado de acordo com as versões de cada autor, artista e cineasta (Najmi, 2023: 16-17 – tradução nossa).

42. [...] a literatura espanhola atual fez de Tânger não apenas um cenário, mas também uma personagem principal nas suas obras, tanto de prosa como de poesia (Najmi, 2023: 16 – tradução nossa).

## ■ resenha de livro

Najmi (2023) também acrescenta que a cidade, pelo fato de ao longo de sua história ter tido contato com pessoas de outras partes do mundo, de diferentes contextos socioeconômicos, culturais e políticos, no seu entender, converteu sua população, abrindo-a e deixando se influenciar pelas migrações, a princípio norte-sul e atualmente sul-norte. Nesse sentido, segundo Najmi (2023), a cidade tornou-se um espaço percebido individualmente por suas representações mentais condicionadas pelo ambiente, mas também pela experiência, pelas características sociais, culturais e, principalmente, pelas imagens colhidas de escritores e artistas, tanto locais como estrangeiros (Najmi, 2023: 16-17).

Nas considerações iniciais de Najmi (2023), o autor demonstra como fica evidente, nas expressões artísticas de hoje, o passado da cidade, de sua época cosmopolita, permanecendo nos resquícios da sua estrutura urbana, nos cafés, edifícios, praças e mercados, salientados por diversos escritores, inclusive por López Barrio (2017), que percorre com detalhes muitos desses locais e construções, fazendo com que sua narração sirva mesmo como um guia turístico, apontando esse e aquele pormenor, facilmente encontrados nos sítios de informações de turismo e história da cidade.

No entender de Najmi (2023), obviamente, o processo de criação das obras é influenciado pela relação dos seus autores com Tânger, e, no caso da obra *“Niebla en Tánger”* de López Barrio (2017), que é o nosso foco, veremos adiante as alegações da autora, mas, antes de entrarmos em suas intenções e propósitos, as advertências de Carmen Ruiz Bravo-Villasante, que escreve o prólogo da obra de Najmi (2023), são de fundamental importância, refletindo muitas das nossas considerações a respeito da persistência de estereótipos e orientalismo, mesmo nas obras mais recentes.

Para essa estudiosa, a circunstância da proximidade entre Tânger e a Península Ibérica, com poucas milhas náuticas de distância física, ainda que se possa acrescentar outras distâncias como as diferenças linguísticas, sociais, econômicas e políticas, ainda assim, para muitas pessoas, Tânger continua sendo a porta ocidental da África, e isso para muitos, de diversas nacionalidades, *“se asociaba este hecho a la sensación de pasar a una nueva fase en la propia vida, como si se tratase de un “rito de paso”<sup>43</sup>*, o que de fato é destacado na obra à qual nos detivemos (Bravo-Villasante, 2023: 11).

Por conseguinte, no entender de Bravo-Villasante (2023), as publicações espanholas, desde a segunda metade do século XX e mesmo as do presente século, continuam apontando para uma experiência em Tânger, em certo sentido, como um renascimento pós-colonial e pós-orientalista. Para ela, o que poderia ser uma oportunidade real de entrada numa África verdadeira em todos os sentidos, a aproximação de Tânger pelo lado hispânico tem demonstrado e quase simbolizado uma relação neo-pós-colonial, que em afinidade com setores locais, recriam um habitat de elites neo-pós-orientalistas. Portanto, ocupar-se da produção

---

43. [...] frequentemente associado à sensação de passagem para uma nova fase da vida, como se se tratasse de um “rito de passagem” (Bravo-Villasante, 2023: 11 – tradução nossa).

## ■ resenha de livro

literária hispânica sobre Tânger requer um desafio para a superação do risco que se corre de tornarem-se “*orientalistas de sí mismos*”, ou seja, “*al recorrer una Tánger de fábula, de prototipos, de historias de soledad y encuentros en círculos bastante cerrados, de “colonias” en la memoria, en difícil tangencia con el pulso marroquí de la ciudad*”<sup>44</sup> (Bravo-Villasante, 2023: 12).

Diante do exposto pela estudiosa, e compartilhando com ela tais indicadores, observamos que no acréscimo à sua obra *Niebla en Tánger* feito por López Barrio (2017), em “*Nota de la autora*”, assim como nas entrevistas que concedeu, algumas questões, como as suscitadas por Bravo-Villasante (2023), são evidenciadas.

Nessas notas, acrescentadas ao final da obra, López Barrio (2017) revela o momento em que foi decidido ambientar o novo romance, que ainda estava se configurando, em Tânger, a partir de uma segunda viagem que fez à cidade. Conta-nos então, que quase se havia esquecido daquela cidade, já que a primeira vez que ali estivera, era muito jovem, primeira viagem sem a família e “*primer contacto con una cultura cuya estética de Las mil y una noches me fascinaba*”<sup>45</sup> (López Barrio, 2017: 313).

Anos depois, ela é convidada por amigos de Sevilha a retornar à cidade, e nessa oportunidade, um de seus amigos a contagia com as histórias, com os lugares míticos que a leva visitar e assim, afetada pelo fervor do amigo pela cultura tangerina, decide ambientar a história, que estava em fermentação, naquela cidade. Ressalta-se porém, que toda essa reapresentação da cidade, feita por um também espanhol, não incluiu nenhuma convivência com os moradores locais, e somente uma vez, referindo-se ao almoço oferecido pelos amigos, diz “*que cocina Yamila, siempre sonriente, amabilidad pura*”<sup>46</sup>, ou seja, em posição subalterna (López Barrio, 2017: 314).

Já decidida sobre o local, retorna à cidade mais uma vez, procurando inteirar-se melhor sobre os acontecimentos e locais mais marcantes de sua história como cidade internacional, mas entra em contato apenas com a antiga gerente da livraria, uma judia Sefardi, que é também, como ela diz, uma narradora incansável. Mais uma vez, nenhuma referência é feita sobre possíveis contatos com moradores árabes locais, recolhendo todo seu material através de relatos históricos, ora de seu amigo sevilhano, ora da senhora judia, e de exaustivas pesquisas em livros e periódicos, evidentemente (López Barrio, 2017: 315).

---

44. [...] ao viajarem a uma Tânger de fábulas, de protótipos, de histórias de solidão e de encontros em círculos bastante fechados, de “colônias” na memória, em difícil tangência com a cultura marroquina, e a pulsação da cidade (Bravo-Villasante, 2023: 12 – tradução nossa).

45. Primeiro contato com uma cultura cuja estética de “As Mil e uma noites” a fascinava (López Barrio, 2017: 313 – tradução nossa).

46. [...] que Yamila cozinhou, pura amabilidade (López Barrio, 2017: 314 – tradução nossa).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devemos ressaltar, mais uma vez, que a obra *Niebla en Tanger*, de Cristina López Barrio (2017), reúne outras questões significativas, principalmente em relação à importância da Literatura, o que a autora o faz com maestria, trazendo personagens e autores de vários tempos e nacionalidades, exigindo um certo conhecimento prévio do leitor, assim como, ao intercalar duas histórias, tenha criado um jogo deveras interessante. No entanto, nossa abordagem quis destacar unicamente a questão do “olhar” para o outro, o diferente, embora tão próximo e, em certo sentido, tão parecido.

Tal objetivo, todavia, levou-nos a constatar que, apesar de um tratamento menos preconceituoso, e mesmo a tentativa da autora em tomar a cidade de Tânger como um lugar onde foi possível, segundo os testemunhos, uma convivência pacífica entre religiões, ideologias e origens étnicas, essa escolha como espaço da intriga, induz a um olhar exótico e recolhe em si uma visão dos contos de *“As mil e uma noites”*, diversas vezes citado no decorrer do romance.

Além disso, a insistência em comparar a cidade a *Camelot*, com seu significado, segundo a tradição arthuriana, de lugar ideal, acolhedor e agradável, “o descanso dos guerreiros”, tal associação revela uma idealização, e mesmo mitificação, que não leva em conta o sentimento e a vivência dos povos originários, durante o período de internacionalização da cidade, o que por si só já é a demonstração do neo-pós-colonialismo bastante conhecido e ressaltado por Bravo-Villasante (2023).

Mais ainda, a nosso ver, faltaram aproximações mais fecundas entre os diferentes povos, já que esses foram abordados de maneira superficial e, muitas das vezes, revelando diversos estereótipos como, por exemplo, personagens árabes sofridos, pobres e incultos, quando não cruéis e possuidores de forças sobrenaturais.

Assim sendo, mas sem querer interferir na criação literária da autora, a obra em questão, e mais especificamente, a “heroína” Flora Gascón, poderia ter aproveitado a oportunidade para ter como “doador/a”<sup>47</sup>, uma mulher marroquina, ao invés do senhor judeu, já bastante assimilado pela cultura ocidental. Dessa forma, ela estaria dando voz ao verdadeiro outro, deixando que ele mostrasse os pontos emblemáticos e o significado da história da cidade sob um novo prisma, até então desconsiderado nas publicações estrangeiras.

---

47. Doador (ou *provedor*), que compreende: a preparação da transmissão do objeto mágico e o fornecimento do objeto mágico ao herói (Propp, 2001: 48).



## REFERÊNCIAS

ABRIGHACH, Mohamed. Marruecos/España en la narrativa española contemporânea. Universidad Ibnou Zohr, Agadir. *Boletín Hispánico Helvético*, volumen 26 (otoño 2015), p. 121-151. Disponível em: [https://www.academia.edu/36091828/Marruecos\\_Espa%C3%B1a\\_en\\_la\\_narrativa\\_espa%C3%B1ola\\_contempor%C3%A1nea](https://www.academia.edu/36091828/Marruecos_Espa%C3%B1a_en_la_narrativa_espa%C3%B1ola_contempor%C3%A1nea). Acesso em: 04 Mar. 2024.

BRAVO VILLASANTE, Carmen Ruiz. *La voz prometedora de Tánger*. In: NAJMI, Abdelkhalak. *Conversaciones secretas sobre Tánger*. Madrid: Diwan Mayrit, 2023. ISBN: 978-84-18922-91-6.

LÓPEZ BARRIO, Cristina. *Niebla en Tánger*. Barcelona: Editorial Planeta, 2017.

NAJMI, Abdelkhalak. *Conversaciones secretas sobre Tánger*. Madrid: Diwan Mayrit, 2023. ISBN: 978-84-18922-91-6.

PROPP, Vladimir I.. *Morfologia do Conto Maravilhoso*. CopyMarket.com, 2001. Disponível em: [https://monoskop.org/images/3/3d/Propp\\_Vladimir\\_Morfologia\\_do\\_conto\\_maravilhoso.pdf](https://monoskop.org/images/3/3d/Propp_Vladimir_Morfologia_do_conto_maravilhoso.pdf). Acesso em: 26 fev. 2024.

ROMERO MORALES, Yasmina; TOPA, Francisco (orgs.). *La Narrativa Española sobre Marruecos – discursos literarios de otredad*. Porto: Uniarte Gráfica, 2023. ISBN: 978-989-8156-33-4. Disponível em: [https://www.africanos.eu/images/publicacoes/livros/LIVRO\\_versao\\_final.pdf](https://www.africanos.eu/images/publicacoes/livros/LIVRO_versao_final.pdf). Acesso em: 26 fev. 2024.

ROMERO MORALES, Yasmina. De odaliscas, velos, harenes y babuchas: El arquetipo de Sherezade en la narrativa española del siglo XX. *Lectora*, v. 24, p. 223-238. ISSN: 1136-5781. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6635947>. Acesso em 26 fev. 2024.



Artigo licenciado sob Licença Creative Commons (CC-BY-NC-SA)  
<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>